



## **BILINGUISMO E IDENTIDADE: A PRESERVAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO HERANÇA CULTURAL**

**Kellyanny Chaves Lima<sup>1</sup>**  
**Rodrigo Mesquita<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Jataí/ kellyannychavesling@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Jataí/ mesquitar@ufj.edu.br

### **Resumo**

Este trabalho investiga os desafios e as estratégias adotadas por famílias brasileiras na transmissão do Português como Língua de Herança (PLH) em contextos migratórios. Considera-se que a globalização intensificou os fluxos de emigração (OIM, 2023) e, com eles, as tensões relacionadas à preservação de línguas minoritárias. O estudo parte da compreensão de que a PLH não é apenas um código comunicativo, mas também um espaço simbólico de memória, identidade e pertencimento. A pesquisa, desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso em Letras – Português na Universidade Federal de Jataí, adota abordagem bibliográfica qualitativa, fundamentada na Análise de Conteúdo de Bardin (1977), a partir de estudos recentes que abordam bilinguismo, identidade cultural e preservação linguística. Os resultados preliminares indicam que a vitalidade do PLH depende da articulação entre práticas familiares, atitudes parentais positivas e iniciativas comunitárias, como escolas de língua e associações culturais. Observa-se ainda que fatores sociais, como classe, gênero e composição familiar, influenciam diretamente esse processo, além de evidenciar que a construção identitária das crianças bilíngues se dá em um movimento híbrido e dinâmico, atravessado por tensões interculturais. Conclui-se, de modo preliminar, que preservar o português como língua de herança constitui não apenas ato linguístico, mas também político, de resistência e afirmação cultural na diáspora.

**Palavras-chave:** Português como Língua de Herança. Identidade. Bilinguismo.

### **Introdução**

A globalização intensificou os fluxos migratórios e ampliou o número de famílias brasileiras no exterior em busca de melhores condições de vida. Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM), “emigration from Brazil has increased, driven by a combination of economic downturn, rising insecurity, and perceptions of better opportunities abroad” (OIM, 2023, p. 108). Atualmente, cerca de 2,2 milhões de brasileiros vivem fora do país, inserindo o Brasil entre as nações latino-americanas com maior contingente de emigrantes (OIM, 2023, p. 106). Esses deslocamentos estão relacionados a fatores econômicos, sociais e políticos, configurando um fenômeno multifatorial que repercute diretamente na transmissão linguística e cultural.

Nesse contexto, a Língua Portuguesa como Língua de Herança (PLH) assume papel fundamental na manutenção da identidade cultural. A PLH é entendida como “a língua falada

em casa por famílias que vivem em um país estrangeiro e que desejam manter essa língua para fins de identidade e continuidade cultural” (Melo-Pfeifer; Souza, 2022, p. 11). Mais que instrumento comunicativo, constitui elo afetivo e simbólico com as origens familiares, pois, como ressaltam Moroni et al. (2023, p. 6), “atua como elo com a cultura de origem, oferecendo à criança um senso de pertencimento ampliado”. Assim, a preservação do português configura-se também como ato de afirmação identitária e valorização da diversidade linguística no contexto migratório.

Apesar do crescente interesse, ainda são limitados os estudos que investigam de que forma classe social, raça e gênero influenciam os processos de transmissão da PLH no contexto brasileiro. Considerar esses atravessamentos é fundamental para compreender os desafios enfrentados pelas famílias, bem como para ampliar os debates sobre bilinguismo, interculturalidade e políticas linguísticas voltadas à preservação do português.

Diante disso, este trabalho, que está sendo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso em Letras – Português na Universidade Federal de Jataí (UFJ), tem como objetivo investigar os desafios e as estratégias utilizadas por famílias brasileiras na transmissão da PLH em contextos bilíngues. Busca-se compreender como fatores sociais, como classe, raça e gênero, influenciam esse processo, de que forma o bilinguismo impacta a construção identitária das crianças em contextos interculturais e em que medida a preservação da PLH pode ser compreendida como um ato político diante das pressões assimilacionistas dos países de acolhimento.

### **A Língua de Herança e o Português como LH**

O conceito de língua de herança (LH) refere-se a idiomas transmitidos no ambiente familiar por comunidades imigrantes, diferentes da língua majoritária da sociedade de acolhimento. Em geral, trata-se de línguas restritas ao âmbito doméstico, o que as torna vulneráveis à erosão intergeracional (Moroni; Gomes, 2015). Como observa Moroni (2018), os falantes de LH formam um grupo heterogêneo: desde usuários fluentes até indivíduos que, mesmo sem proficiência, mantêm laços afetivos e culturais com a língua. Assim, a LH é mais que código comunicativo: constitui espaço simbólico de memória e pertencimento.

No caso brasileiro, o PLH ganha destaque a partir da década de 1980, acompanhando o aumento da emigração (Moroni, 2015, 2017). Trata-se do português transmitido a filhos de emigrantes em contextos bilíngues, geralmente sem apoio institucional. Segundo Moroni (2017), o PLH emerge de tensões sociais e linguísticas, marcadas pelo convívio com línguas

majoritárias. A transmissão é frequentemente intermitente e depende fortemente das práticas familiares.

O pertencimento, em termos de PLH, não se reduz à proficiência, mas envolve vínculos afetivos e identitários. Para Moroni (2017), a língua carrega significados emocionais e culturais, funcionando como herança simbólica transmitida “no contexto natural” (Moroni, 2018). O engajamento dos pais é decisivo nesse processo, inclusive quando apenas um deles domina o português. Estudos mostram que atitudes positivas em relação à língua incentivam a criança a utilizá-la (Moroni, 2017, 2018).

Além da esfera doméstica, o fortalecimento do PLH ocorre em iniciativas coletivas. Um exemplo é a Associação de Pais de Brasileirinhos na Catalunha (APBC), criada em 2009 para promover aulas de português e atividades culturais. Para Moroni e Gomes (2015), tais movimentos surgem como resposta organizada da diáspora brasileira, articulando preservação linguística e identidade cultural.

Essa discussão se amplia com Melo-Pfeifer (2018), que questiona noções tradicionais de “língua”, “norma” e “herança”. A autora ressalta o caráter pluricêntrico do português — com variedades brasileira, portuguesa, angolana, moçambicana, entre outras —, frequentemente ignorado em práticas educativas que privilegiam uma norma única. Conforme a estudiosa, “[...] nota-se uma tendência consciente a focalizar [...] no uso de apenas uma das variedades, geralmente a portuguesa ou a brasileira” (Melo-Pfeifer, 2018, p. 1166). Essa visão mononormativa compromete a pluralidade e exclui sujeitos com repertórios híbridos.

A autora critica ainda a comparação de aprendizes de PLH com monolíngues, prática que resulta em avaliações excludentes. Em contraponto, defende abordagens inclusivas baseadas em multicompetência e *translanguaging*, valorizando o repertório linguístico híbrido como recurso. Para ela, “não há nada de automático e de inevitável na transmissão de uma herança linguística e cultural” (Melo-Pfeifer, 2018, p. 1171). Assim, o PLH é um projeto em constante negociação, sustentado pelo desejo de pertencimento, pelo afeto e pelo engajamento intergeracional.

### **Definição de Bilinguismo e Implicações para a PLH**

O bilinguismo constitui fenômeno multifacetado, atravessando dimensões cognitivas, sociais e identitárias. Grosjean (2010) propõe uma definição funcional e inclusiva: “bilíngues são aqueles que usam duas ou mais línguas (ou dialetos) em suas vidas cotidianas” (p. 4). Essa perspectiva rompe com concepções elitistas de fluência perfeita e é especialmente útil para

compreender crianças em processo de PLH, cujo domínio da língua varia conforme contexto e necessidade de uso.

O bilinguismo infantil pode ser simultâneo ou sucessivo, dependendo da exposição e da função social das línguas. Grosjean (2010) observa que “[...] as crianças podem entrar e sair do bilinguismo muito rapidamente, e isso depende em grande parte da necessidade que têm das línguas com as quais estão em contato” (p. 17). O ambiente familiar, portanto, é central para a vitalidade do PLH.

Bialystok (2001) reforça que o bilinguismo não é categoria fixa, mas um contínuo de competências moldadas por fatores sociais e cognitivos. Para ela, “crianças bilíngues nunca são exatamente iguais a um grupo comparável de crianças monolíngues” (p. 9). Entre os efeitos cognitivos positivos estão maior flexibilidade mental, consciência metalinguística e controle atencional.

Apesar desses benefícios, o bilinguismo envolve tensões identitárias. Muitos bilíngues não se reconhecem como tal, em razão de ideais normativos de fluência (Grosjean, 2010). Isso impacta diretamente nas práticas de transmissão do PLH, uma vez que a autoestima linguística influencia a motivação de uso.

Em síntese, Grosjean (2010) e Bialystok (2001) mostram que o bilinguismo deve ser entendido como processo dinâmico, atravessado por dimensões afetivas, sociais e cognitivas. Para a PLH, isso significa reconhecer que a manutenção do português depende de apoio familiar contínuo e de uma valorização identitária que vai além da competência linguística.

### **O Português como Língua Minoritária Ameaçada**

Um fator importante para o declínio de uma língua, no âmbito sociocultural, é a desvalorização cultural e simbólica dessa língua, deslocando-a para a condição de minorizada. Fishman (2002) argumenta que a língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas um símbolo central da cultura à qual está ligada. A língua expressa tanto os aspectos materiais quanto simbólicos da vida cultural de um grupo, sendo indissociável de práticas como leis, religião, saudações e até piadas cotidianas. O autor afirma que “cultura e linguagem são, em grande medida, idênticas — e não apenas ocorrências paralelas ou ‘companheiras ocasionais’[...]” (Fishman, 2002, p. 6). Por isso, quando uma língua minoritária perde espaço social, a própria cultura a que ela pertence também se fragiliza.

A interrupção da transmissão intergeracional constitui um dos principais fatores de vulnerabilidade do português como língua de herança, especialmente em contextos migratórios.

Para que uma língua minoritária permaneça viva, é essencial que ela continue sendo usada espontaneamente no cotidiano familiar e comunitário, e não apenas em espaços institucionais. Nesse sentido, Fishman (2002, p. 6) afirma que “o foco deve estar, novamente, na rede de fala e na comunidade de fala”, reforçando a importância de se observar a língua *in situ*, onde o comportamento linguístico realmente vive de forma espontânea e inconsciente. Embora o autor reconheça a relevância de se estudar estruturas de autoridade e sistemas institucionais, ele alerta que o equilíbrio está demasiadamente voltado para esse lado, sendo necessária uma reorientação das ênfases analíticas.

Para reverter esse quadro, Fishman (2002, p. 6) propõe que a revitalização das línguas minoritárias deve focar-se na comunidade e no uso natural da língua, sobretudo no âmbito doméstico. A transmissão familiar da língua é essencial para manter sua vitalidade, assim como o planejamento linguístico comunitário que valorize a identidade cultural e simbólica associada à língua.

Dessa forma, a partir da perspectiva de Fishman (2002), é possível compreender que o português, embora em risco de erosão linguística em contextos migratórios, pode ser preservado e fortalecido por meio do reforço da transmissão intergeracional e da valorização identitária. A abordagem da glocalização permite enxergar o português não apenas como uma vítima passiva da globalização, mas como uma língua que resiste e se reinventa localmente, mantendo seu papel central na construção da identidade cultural dos falantes.

Apesar de sua difusão global, o português assume, em comunidades migrantes, características de língua minoritária. Nessas situações, está sujeito à erosão linguística devido à hegemonia das línguas locais e à falta de transmissão intergeracional. Fishman (2002) argumenta que a sobrevivência de línguas ameaçadas depende sobretudo do uso espontâneo em ambientes familiares e comunitários. Para ele, “é exatamente esse uso linguístico não planejado que deve tornar-se o cerne de nossas investigações” (p. 6).

Um conceito central em Fishman (2002) é a glocalização, que articula globalização e localização. Segundo o autor, “é precisamente porque ‘globalização’ e ‘localização’ estão tão frequentemente presentes simultaneamente que foi cunhado o termo” (p. 5). Isso significa que línguas minoritárias não resistem apesar da globalização, mas dentro dela, ao se recriarem localmente.

A perda do PLH também está associada à desvalorização cultural da língua minoritária. Fishman (2002) ressalta que “cultura e linguagem são, em grande medida, idênticas” (p. 5), de modo que a fragilização da língua implica perda simbólica da cultura. Assim, o português só se

manterá vivo na diáspora se continuar a ser transmitido no cotidiano, especialmente em práticas familiares que afirmam identidade e pertencimento.

### **Identidade Cultural, Diáspora e LH em Stuart Hall**

A análise de Stuart Hall (2006, 2016) amplia a compreensão da PLH ao conceber a identidade cultural como processo e não como essência. Para ele, a identidade é sempre produção, “algo que nunca está completo, que é sempre processual e sempre constituído no quadro, e não fora, da representação” (2006, p. 22).

A experiência diaspórica rompe com a ideia de retorno a uma origem fixa. No caso do português herdado, a língua transmitida não é réplica do idioma do país de origem, mas versão reterritorializada, marcada pelo hibridismo e pelo contato com outras línguas. Hall descreve tais contextos como “sociedades traduzidas” (2016, p. 48), onde culturas e línguas são constantemente negociadas.

A memória é outro elemento central. “O passado continua a falar connosco [...] por intermédio da memória, da fantasia, da narrativa e do mito” (Hall, 2006, p. 25). A transmissão do PLH, portanto, é permeada por lembranças afetivas e simbólicas, que ressignificam o idioma na vida presente.

Nesse sentido, o português como língua de herança deve ser compreendido como prática identitária que habita a tensão entre continuidade e ruptura. Como observa Hall (2006), as identidades são sempre moldadas na relação com o Outro, ou seja, são híbridas, móveis e abertas. O PLH, assim, constitui espaço de resistência e reinvenção cultural no contexto da diáspora.

### **Metodologia**

Esta pesquisa segue uma abordagem bibliográfica e qualitativa, cujo objetivo é compreender os processos de preservação da Língua Portuguesa como Língua de Herança (PLH) em famílias brasileiras residentes no exterior. O estudo foca nos desafios enfrentados e nas estratégias adotadas para a manutenção do idioma e da identidade cultural em contextos bilíngues. Para isso, foi realizado um levantamento de artigos científicos, dissertações, teses e livros publicados nos últimos anos, com ênfase em trabalhos que exploram as intersecções entre bilinguismo, linguística aplicada e identidade cultural. A revisão está sendo conduzida de forma sistemática, visando mapear experiências de famílias migrantes e identificar os principais pontos de convergência sobre a transmissão e preservação do português.

## **Procedimentos Metodológicos**

A análise dos materiais selecionados será conduzida por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), que possibilita identificar padrões e categorias recorrentes. O processo será desenvolvido em quatro etapas. Na pré-análise, serão selecionados estudos em língua portuguesa, publicados nos últimos dez anos e disponíveis no Google Scholar, a partir de combinações de palavras-chave como “língua de herança”, “identidade cultural”, “manutenção linguística”, “famílias bilíngues” e “português como língua de herança”. Após a triagem, serão escolhidos de três a cinco trabalhos considerados centrais para a análise aprofundada. Na etapa de exploração do material, os textos serão examinados em detalhe para identificar unidades de registro (frases ou trechos) que evidenciem desafios e estratégias relacionados à preservação da PLH, com destaque para fatores sociais, culturais e de bilinguismo. Em seguida, será realizado o tratamento dos resultados, no qual as informações coletadas serão sistematizadas em categorias e subcategorias, como: desafios na transmissão da língua, estratégias de preservação, fatores sociais (classe, raça, gênero) e identidade/interculturalidade. Por fim, na fase de interpretação, os resultados serão analisados à luz do referencial teórico, buscando compreender as implicações sociais, culturais e políticas da preservação da PLH, considerando o papel das famílias, instituições escolares e pressões de assimilação à língua dominante.

## **Descrição do Material**

Para garantir a consistência da análise, foram selecionados cinco trabalhos recentes (últimos dez anos) que dialogam diretamente com os objetivos da pesquisa. Todos foram produzidos em língua portuguesa, disponíveis em bases acadêmicas confiáveis e escolhidos segundo critérios de relevância temática, atualidade e contribuição teórica e empírica. A seleção priorizou estudos que, além de tratar da transmissão da PLH, discutem como fatores de classe, raça, gênero e identidade cultural influenciam esse processo no contexto das migrações contemporâneas. Os materiais selecionados incluem majoritariamente estudos de caso e análises qualitativas, organizados de forma sistemática em uma tabela que apresenta título, autor(es), ano de publicação e tipo de produção (artigo, dissertação ou tese). Posteriormente, essa tabela será complementada com os principais objetivos, metodologias e resultados de cada obra, a fim de oferecer uma visão clara da fundamentação que sustenta a análise proposta.

Quadro 1: Panorama dos materiais analisados sobre PLH

Título	Autores	Ano de publicação	Tipo de material
O Português como Língua de Herança em Florença: línguas e identidades em movimento.	Ana Luiza Oliveira de Souza	2020	Artigo
O português como língua de herança em Munique: ofertas, práticas e desafios.	Camila Lira	2018	Artigo
Língua de herança e identidade: o caso de uma criança bilíngue franco-brasileira.	Letícia Thurler de Campos Marques	2019	Dissertação
Português como língua de herança: estudo de caso sobre os desafios de aprendizagem na infância.	Neotides da Silva Benedito	2016	Monografia
Um estudo de caso sobre o Português como Língua de Herança (PLH) nas cidades de Suzuka e Sakai, Japão	Tábata Quintana Yonaha e Yuki Mukai	2017	Artigo (oriundo de capítulos de uma dissertação)

Fonte: elaborado pela autora.

## Resultados e discussões

Esta seção apresenta os resultados preliminares da pesquisa, desenvolvida a partir da análise bibliográfica qualitativa, conforme Bardin (1977). Ressalta-se que o trabalho encontra-se em continuidade e será ampliado com a investigação das demais pesquisas selecionadas, de acordo com os critérios metodológicos descritos.

O estudo de Oliveira de Souza (2020) examina a manutenção do português como língua de herança em Florença, considerando tanto práticas familiares quanto a atuação de escolas comunitárias. O trabalho destaca que a transmissão do idioma enfrenta o risco de erosão intergeracional, já que “à medida que as crianças crescem, a língua de herança, o português, desaparece ou perde a sua força identitária e cultural” (MENDES, 2015, p. 79, apud OLIVEIRA DE SOUZA, 2020, p. 184). Tal fenômeno dialoga com Moroni e Gomes (2015), que apontam a vulnerabilidade das línguas de herança quando restritas ao ambiente doméstico.

Além disso, Oliveira de Souza (2020) evidencia a ausência de políticas públicas de suporte, situação que reforça a centralidade da família e das escolas comunitárias na preservação linguística: “Na falta de uma política linguística nacional na Itália que proteja as línguas dos imigrantes, compreende-se que [...] as famílias e a escola comunitária são de fundamental importância” (Oliveira de Souza, 2020, p. 200). Essa constatação encontra eco em Fishman (2002), para quem a vitalidade das línguas minoritárias depende do uso espontâneo no âmbito familiar e comunitário.

Entre as estratégias de preservação, o estudo ressalta a leitura em português como prática fundamental: “o programa de ensino prevê o empréstimo de livros aos alunos [...] uma forma de se habituarem com a leitura em português, ampliar o léxico e as estruturas gramaticais, com o apoio dos pais” (Oliveira de Souza, 2020, p. 193). A ênfase no papel dos pais, em especial das mães, também é reiterada: “o papel da mãe, brasileira ou italiana, é fundamental para esse desenvolvimento; e o papel da escola de POLH como elemento estimulador” (Oliveira de Souza, 2020, p. 201). Essa perspectiva dialoga com Moroni (2017, 2018), que sublinha o papel decisivo das atitudes parentais na continuidade do PLH.

O estudo também problematiza fatores sociais. A autora destaca “quatro perfis familiares diferentes (mãe brasileira e pai italiano, pai brasileiro e mãe italiana, somente pais italianos e somente pais brasileiros)” (Oliveira de Souza, 2020, p. 192), mostrando que as configurações familiares e o nível educacional dos pais afetam o uso e a transmissão do português: “todas as famílias participantes deste estudo conhecem bem as duas línguas, e possuem nível de escolaridade que vai do Ensino Médio ao Ensino Superior” (Oliveira de Souza, 2020, p. 191). Isso corrobora com as assertivas de Grosjean (2010), para quem o bilinguismo varia conforme contexto de uso e necessidade comunicativa.

Quanto à identidade, a investigação conclui que “a identidade predominante dos oito alunos investigados é a de herança/comunidade” (Oliveira de Souza, 2020, p. 200). Essa percepção está em consonância com Hall (2006), que define identidade cultural como processo em constante construção, atravessado pela memória, pelo pertencimento e pelas relações com o outro. Nesse sentido, “a transmissão do PLH é permeada por lembranças afetivas e simbólicas, que ressignificam o idioma na vida presente” (Hall, 2006, p. 25).

Por fim, Oliveira de Souza (2020) destaca o papel das escolas comunitárias como agentes de manutenção linguística: “As aulas da escola comunitária juntamente com as práticas familiares demonstradas neste estudo apresentam-se como componentes fundamentais para a aquisição, aprendizagem, manutenção e resgate do POLH” (p. 197). Tal conclusão aproxima-se da crítica de Melo-Pfeifer (2018) à visão mononormativa de língua e de sua defesa de práticas inclusivas baseadas em repertórios híbridos e translanguaging.

Em síntese, os resultados preliminares confirmam que a preservação do português como língua de herança em contextos migratórios depende da articulação entre práticas familiares, condições sociais e iniciativas comunitárias. Esse cenário evidencia que o PLH é mais do que um código comunicativo: constitui um espaço de resistência, memória e pertencimento, em permanente negociação (Moroni, 2017; Melo-Pfeifer, 2018; Hall, 2006).

## Considerações finais parciais

Este trabalho buscou compreender os desafios e as estratégias adotadas por famílias brasileiras na transmissão do Português como Língua de Herança (PLH) em contextos migratórios, articulando dimensões sociais, culturais e identitárias. Partiu-se do reconhecimento de que a globalização intensificou os fluxos migratórios, impactando diretamente as práticas linguísticas e a manutenção das línguas minoritárias. Nesse cenário, o português de herança emerge não apenas como instrumento comunicativo, mas como espaço simbólico de memória, pertencimento e resistência cultural.

A análise preliminar do estudo de Oliveira de Souza (2020) revelou que a transmissão do português depende fortemente da articulação entre práticas familiares e iniciativas comunitárias, em especial escolas de PLH. Mostrou-se que fatores sociais, como composição familiar e escolaridade dos pais, influenciam a vitalidade da língua, bem como que atitudes parentais positivas são determinantes para a continuidade intergeracional. Ao mesmo tempo, observou-se que a identidade das crianças bilíngues é constituída na tensão entre línguas e culturas, configurando processos híbridos e móveis, conforme discutido por Hall (2006, 2016).

Esses achados dialogam com a perspectiva de Fishman (2002) sobre a importância do uso comunitário e espontâneo das línguas minoritárias, com Moroni (2017, 2018) acerca do papel central da família na manutenção da PLH e com Melo-Pfeifer (2018), que defende abordagens inclusivas baseadas em multicompetência e translanguaging. Nesse sentido, a PLH deve ser compreendida como projeto coletivo, constantemente negociado entre afetos, práticas sociais e pressões externas de assimilação.

Como se trata de resultados preliminares, limitados à análise de um estudo de caso selecionado, reforça-se que a pesquisa está em continuidade. A análise das demais produções acadêmicas, conforme definido na metodologia, permitirá ampliar a compreensão das categorias propostas — desafios na transmissão da língua, estratégias de preservação, fatores sociais (classe, raça, gênero), identidade e interculturalidade — e oferecer um panorama mais abrangente da preservação do português em contextos de diáspora.

Sugere-se que futuras pesquisas explorem de forma mais sistemática a influência das interseccionalidades de classe, raça e gênero nos processos de transmissão da PLH, dimensões ainda pouco investigadas no contexto brasileiro. Além disso, recomenda-se o aprofundamento em experiências comparativas entre diferentes comunidades de emigrantes, bem como em análises sobre o papel das políticas linguísticas, tanto dos países de origem quanto dos de

acolhimento, na manutenção do português.

Em síntese, preservar o português como língua de herança significa afirmar identidades, fortalecer laços de pertencimento e valorizar a diversidade cultural em um mundo cada vez mais globalizado. A continuidade desta pesquisa busca justamente contribuir para o fortalecimento desse debate, reconhecendo o PLH como espaço de resistência, memória e construção de subjetividades em contextos migratórios.

## Referências

BARDIN, L (1977). **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **World Migration Report 2024**. Geneva: IOM, 2023. Disponível em: <https://worldmigrationreport.iom.int/wmr-2024-interactive/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

GROSJEAN, François. **Bilingual: Life and Reality**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2010.

OLIVEIRA DE SOUZA, A.L. **O Português como Língua de Herança em Florença: línguas e identidades em movimento**. In SOUZA, A. & ORTIZ ALVAREZ, M. L. (Orgs.) **Português como Língua de Herança – uma disciplina que se estabelece**. Campinas: Pontes Editores. 2020. p.181-206.

MELO-PFEIFER, Sílvia. **Português como língua de herança: que português? Que língua? Que herança? Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 12, n. 2, p. 1161-1179, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/45629>. Acesso em: 3 jul. 2025.

MORONI, Andreia Sanchez. **Português como língua de herança na Catalunha: representações sobre identificação, proficiência e afetividade**. 2017. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

MORONI, Andreia Sanchez. **Português como língua de herança: a filosofia do começo, meio e fim**. In: JENNINGS-WINTERLE, F.; LIMA-HERNANDES, M. C. (Org.). **Português como língua de herança: o começo de um movimento**. Nova York: Brasil em Mente, 2015. p. 28-33.

MORONI, Andreia Sanchez; GOMES, Juliana Azevedo. **O português como língua de herança hoje e o trabalho da Associação de Pais de Brasileirinhos na Catalunha**. Revista de Estudios Brasileños, Salamanca, v. 2, n. 2, p. 21-23, 2015.

MORONI, Andreia Sanchez. **O papel do progenitor não brasileiro na transmissão do PLH: suas práticas linguísticas e o impacto na proficiência dos filhos**. Domínios de Lingu@gem, Uberlândia, v. 12, n. 2, p. 1233-1266, abr./jun. 2018.

FISHMAN, Joshua A. Endangered Minority Languages: Prospects for Sociolinguistic Research. **International Journal on Multicultural Societies**, v. 4, n. 2, p. 69–85, 2002. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000126699>.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. Comunicação & Cultura, n. 1, Lisboa, 2006, p. 21-35.

HALL, Stuart. **Diásporas, ou a lógica da tradução cultural**. Tradução de Elizabeth Ramos. Revista Aletria, v. 10, n. 3, p. 47-58, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/1982-8160-v10n3-47>. Acesso em: 5 jul. 2025.

VIEIRA, Camila Nagem Marques; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da; MAIA, Maria Vitória Campos Mamede. Inclusão, interculturalidade e decolonialidade: quando as questões de raça, gênero e classe social interrogam as práticas docentes. **Revista Exitus**, Santarém, v. 11, p. 1–25, e020170, 2021.